

A POROSIDADE DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: A CONECTIVIDADE DE PEQUENAS INTERVENÇÕES URBANAS



Tempo e distância são relativos. Nós estamos tão perto das pessoas no lado oposto do globo, ou na profundidade dos oceanos ou na altura da atmosfera, como somos dos amigos abaixo na rua. Qualificações espaciais não estão mais relacionadas ao volume tridimensional. Nós temos as ferramentas para antecipar e reconhecer outras dimensões familiares? (AMIDON, 2001, p. 108).

Em voga no vocabulário recente de práticas urbanas, o termo **porosidade** surge em textos de Janes Amidon (2001), Charles Landry (2006) ou na definição de urbanismo contemporâneo criada por Nan Ellin (2006) e direciona a discussão sobre a importância das intervenções urbanas pontuais sob a ótica de uma rede conectada, que ultrapassa os territórios nacionais e atinge a macroescala global.

Nesse sentido, **Porosidade** reflete a noção de uma humanidade compartilhada, expressão utilizada por Landry (2006) para definir as experiências comuns que relacionam cidades distintas e solidificam o território urbano em proporção mundial. Landry destaca a Copa do Mundo de Futebol ou os Jogos Olímpicos, apesar de seu cunho competitivo, como momentos de reunião entre diversos grupos sociais, étnicos e culturais, numa relação que contribui diretamente para o enriquecimento das cidades. Independente da tentativa de alguns países em superarem as nações-sede anteriores, esses eventos reafirmam a noção de uma rede de intervenções e demonstram o potencial que possuem sobre o território da cidade.

Em uma escala mais próxima ao pequeno espaço público, eventos semelhantes transformam a cidade em uma galeria de artes aberta: uma oportunidade para entretenimento do público local, uma vitrine sobre a cultura e a imagem de uma cidade em um contexto mais amplo. A formatação de uma rede de intervenções, adicional às estruturas urbanas permanentes, estimula a utilização dos espaços públicos conectados através dos pequenos eventos.



Fig. 03 – O projeto Triptych, do grupo de artistas britânicos United Visual Artists. Fonte: arquivo do autor

movimento ou proximidade através de cores e sons. Dispostos sobre um tablado, os painéis transformavam-se a cada sutil aproximação ou bater de palmas, desenhando em sua superfície diferentes linhas pixelizadas, mudanças de cores ou sons que simulavam descargas elétricas, em resposta instantânea e de intensidade correspondente ao estímulo executado. O objeto era tão intrigante que resgatava todos os passantes e instigava à aproximação: não havia uma pessoa que não parasse para observar, filmar, fotografar ou interagir com a peça

A obra Dune 4.1, desenvolvida pelo artista holandês Daan Roosegaarde, combinava arte, luz e tecnologia ao reproduzir um canteiro de flores fluorescentes que acendem ou brilham em diversas velocidades e intensidades lumínicas, de acordo com o movimento dos passantes. Ao seu lado, o Vestido de Fibra Ótica (fig. 04), criado por Kim Tae Gon, parecia flutuar sobre o solo e, em uma atmosfera tanto elegante quanto fantasmagórica, estimulava psicologicamente o usuário a observar serenamente a peça, criando uma interrupção na euforia suscitada pelo corredor interativo caracterizado pelo Dune 4.1

Além da criatividade traduzida nas intervenções pela cidade, o Festival Radiance se destacou, de fato, pela sua capacidade de atração de um público extremamente variado. Crianças e adultos disputaram as ruas do centro e, apesar da baixa temperatura de quatro graus negativos (-4°C), milhares enfrentaram filas para as exposições em recintos fechados, aglomeraram-se ao redor das instalações ou andavam em grupos a

procura de novos pontos de intervenção, inclusive no cemitério da cidade.

O Festival foi hábil ao destacar a capacidade catalítica que uma rede de intervenções estimulantes possui em atrair o usuário para o espaço livre público. Nem mesmo as condições climáticas desconfortáveis ou o trajeto escuro e úmido, próximo aos túmulos de um cemitério, foram capazes de conter a curiosidade e impedir as pessoas de explorar cada ponto de intervenção. Zonas de armazéns industriais abandonados tornaram-se seguras com a multidão de pessoas que se aglomeravam nas portas; muitos se aventuraram a entrar em subsolos, vielas estreitas e espaços residuais que só inspiravam confiança devido ao movimento intenso de pessoas, mas que em noites normais, seriam consideradas áreas inseguras e desertas.

Apesar de a “historiadora urbana M. Christine Boyer, compreender essas pequenas intervenções como enclaves cênicos que reduzem a cidade a atrações turísticas ou suprimem a ordem contínua da realidade” (SORKIN, 1992), o Festival Radiance comprovou o potencial que as estruturas urbanas permanentes possuem de receber novos usos; foi o reconhecimento da porosidade do território urbano como área de deleite, um complemento do espaço privado. Na verdade, não houve noite semelhante, durante todo o outono e inverno, em que a cidade tenha recebido um público tão ávido por novidades; nem em condições climáticas mais amenas as ruas ficaram tão cheias quanto nesse final de semana em Glasgow.

Na verdade, muito além de iluminação decorativa ou mídias passivas, o Festival Radiance aproximou o público de discussões sobre arte-cidade e, principalmente, convidou todos à experimentação livre do espaço. Eventos e apropriações urbanas semelhantes demonstram a importância de uma urbanidade conectada nos pequenos eventos, da porosidade criada por uma rede de intervenções urbanas, das trocas culturais e sociais fomentadas e do rebatimento direto desses projetos na atribuição de novos usos ao espaço público no contexto local ou em escala territorial.



Fig. 04 – Vestido de Fibras Óticas desenvolvido por Kim Tae Gon.
Fonte: Arquivo do autor

BIBLIOGRAFIA:

- AMIDON, Jane. *Radical Landscapes: Reinventing Outdoor Space*. London: Thames & Hudson, 2001.
- LANDRY, Charles. *The Art of City Making*. London: Earthscan, 2006.
- LANDRY, Charles. *The Creative City: A toolkit for urban innovators*. London: Earthscan, 2005.
- ELLIN, Nan. *Integral Urbanism*. New York: Routledge, 2006.
- SORKIN, Michael (Edit.). *Variations on a Theme Park: the new American city and the end of public space*. New York: Hill and Wang, 1992.
- RYAN, Zoë. *The good life: New public spaces for recreation*. New York: Van Alen Institute, 2006.